

Rodrigues, o intérprete¹

Um pedido do Padre Arnaldo de Pinho é irrecusável. Tratando-se de um testemunho sobre o Mestre José Rodrigues, esse pedido torna-se numa obrigação absoluta. A amizade tem destes deveres que se cumprem com gosto.

A vida e a obra de José Rodrigues fazem dele um grande intérprete, talvez dos maiores que conheci. Intérprete enquanto cidadão, neste palco que é a vida. Intérprete enquanto facilitador da comunicação. Intérprete da natureza, dos sentidos, das emoções.

Conhecemo-nos desde os anos oitenta. Dos nossos encontros e das nossas conversas, dos encontros com outros e de tantas conversas partilhadas, apreciei sempre o seu respeito pelos seus interlocutores e a forma generosa e dedicada como procura sempre pontos de interesse e de contacto entre as pessoas. Por vezes bastou uma conversa, um encontro, um simples café, um almoço ou um jantar, para deixar marcas que nunca mais esquecem. Como bom transmontano e como bom português, sabe a força que a mesa tem, como elemento de partilha, na relação entre as pessoas. Como bom angolano, sabe imprimir nos seus interlocutores a força do gesto e do silêncio – também ele incompreendido mensageiro de grande alcance.

¹ Título pedido de empréstimo a Michael Cooper, S.J., cuja obra retrata a vida de João Rodrigues, "homê da Beira de nossa sñora da Lapa da villa de Sernancelhe" onde terá nascido cerca de 1561. "Poucos homens tiveram uma vida mais aventurosa. Durante os seus cinquenta e seis anos no Japão e na China conquistou a amizade dos dirigentes (...), teve um papel activo no comércio da seda entre a China e o Japão e, durante alguns anos, foi o mais influente europeu em Nagasaki e, para todos os efeitos, no Japão em geral. Conseguiu ainda encontrar tempo para elaborar a primeira gramática publicada da língua japonesa e já na sua velhice escreveu um longo trabalho sobre a cultura japonesa que continua a surpreender os leitores modernos pela sua perspicácia e riqueza de detalhes." (Do prefácio de «Rodrigues, o intérprete – um Jesuíta no Japão e na China», de Michael Cooper, S.J., Quetzal Editores, ISBN 972-564-178-7).

José Rodrigues sentiu sempre a pressa da vida, sabendo caldeá-la com a paciência e a compreensão que a sua costela africana lhe imprime. Manteve sempre presente os ensinamentos e a moderação *dos mais velhos*, sem prescindir dos excessos que a sua sede de conhecimento lhe exigiram desde muito cedo. Procurou sempre atingir os limites, sejam eles das formas, dos materiais ou da natureza.

A sua obra fala por si. Da pintura à escultura, do desenho à cenografia, da ilustração à gravura, da cerâmica à medalhística. Dispersa por diversos países, por muitas cidades, por edifícios, por espaços públicos, por museus, por tantas casas particulares, às vezes apenas nos guardanapos de papel onde, sofregamente, foi registando as migalhas de tantas e tão copiosas refeições. Dispersa por incontáveis livros, dos quais gostaria de destacar a ilustração de muitos livros para crianças. Os seus desenhos acompanham prosa e poesia de autores de todos conhecidos e de outros que apenas ao de leve foram tocados pelo efêmero fumo da criação. A isso obriga a imensa generosidade de José Rodrigues.

Para além de ter construído o berço de suas filhas, foi também o responsável pelo berço de instituições várias. Construiu a Árvore que, das dificuldades, criou raízes profundas. Construiu o Convento de São Paio onde, depois de recuperado do amontoado de pedras e de memórias que encontrou, constituiu uma associação, colocando-o à disposição da comunidade. Mais recentemente, construiu a Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues, na antiga Real Fábrica de Chapéus, bem no centro da cidade do Porto (cidade que, sem nunca deixar de ser cidadão do mundo, adoptou como sua), a qual vai ganhando o seu espaço no desenvolvimento socio-cultural do burgo. Pelo meio e entre muitas outras coisas, foi um dos principais promotores da Bienal de Vila Nova de Cerveira, iniciativa que, desde 1978, projecta esta vila alto minhota como um dos centros de vivência e de divulgação da arte contemporânea.

Não há muito tempo, tive o enorme gosto de, ao titular um texto que José Rodrigues me pediu, baptizar uma notável exposição que viu a sua primeira estação no Museu do Douro. Chamou-se «Para um altar», nome inspirado no meu texto «Para um altar de José Rodrigues». Nele, comparava o(s) altar(es) de José Rodrigues com a obra imensa da natureza e do homem que constitui o Douro Vinhateiro, declarado Património da Humanidade pela Unesco em 2001. Este Douro é também o seu Douro, o Douro de José Rodrigues: um hino à capacidade empreendedora do homem; magnificente e humilde; heroico e sofrido; divino e humano; inspirado e laborioso.

É um manifesto irrepetível da história do sofrimento e da dedicação do homem a um projecto. No fundo, o que José Rodrigues sempre procurou retratar ao longo de toda a sua vida, ao longo de toda a sua obra, em especial na sua impressionante representação cristológica, o Cristo-homem, o homem-Cristo.

Tive a sorte de muito aprender com o Zé. Um dia bem recuado disse-me: "Sabes Manel, de facto nós somos muito diferentes. Pensamos de maneira diferente, vemos o mundo de maneira diferente. Mas eu gosto de falar contigo. Não sei porquê, mas gosto de conversar contigo, gosto de estar contigo. Entendemo-nos". Pois é, meu caro Zé, eu sei bem o queres dizer: entendemo-nos por isso mesmo, pela diferença e pela frontalidade, pela capacidade de compreender e de argumentar, pela curiosidade e pela argúcia, por gostar de ouvir e de aprender. Pela contradição também.

José Rodrigues é, na boa tradição portuguesa, um Homem bom. Interessado pela coisa pública e pela sua boa condução. Empenhado no desenvolvimento da sociedade. Actor de movimentos cívicos e culturais. Interessado no seu semelhante. Amigo do seu amigo.

Como artista e porque artista, devemos-lhe uma parte da procura da beleza terrena. Devemos-lhe uma parte da procura do bom entendimento entre os homens.

Por isso, por tudo isso, ergo o meu copo num brinde a José Rodrigues, o intérprete!

Manuel de Novaes Cabral